

The background of the cover is a light orange color with faint, stylized line drawings of archaeological site plans and topographical features. A prominent white curved line sweeps across the middle of the page, separating the title from the subtitle.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

RECONSTRUIR A CIDADE: O PRÉ E O PÓS-TERRAMOTO NA RUA DAS ESCOLAS GERAIS, Nº 61 (LISBOA)

Susana Henriques¹

RESUMO

Na Rua das Escolas Gerais nº 61 identificou-se três realidades arqueológicas que vão desde o século XVIII até ao XIX. As mudanças funcionais e de organização espacial são características de uma grande urbe, mais ainda quando aliadas a uma catástrofe como o terramoto de 1755. Onde se viu a oportunidade de melhorar o sistema de saneamento e alargar as vias da cidade. Com o desenvolvimento da cidade do século XIX verifica-se a uma maior urbanização e mais uma vez ao alargamento de vias que ainda remetiam para um urbanismo medieval.

Palavras-chave: Época Moderna; Urbanismo; Estrutura Hidráulica.

ABSTRACT

At Rua das Escolas Gerais nº 61 three archaeological realities were identified, spanning from the 18th to the 19th century. Functional and spatial organization changes are characteristic of a large city, even more so when combined with a catastrophe such as the 1755 earthquake. In this there was the opportunity to improve the sanitation system and widen the city's roads. With the development of the city in the 19th century, there is a greater urbanization and, once again, the widening of roads that still invoke to a medieval urbanism.

Keywords: Post-medieval; Urbanism; Hydraulic Structure.

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico no nº 61 da Rua das Escolas Gerais puseram em evidência três realidades ocupacionais na área intervencionada. A organização espacial vai se alterando conforme as vicissitudes e as necessidades pragmáticas das diferentes épocas. A fase mais recente remete para um edifício de final do século XIX, que se inseriu no novo reordenamento da rua, com o alargamento da mesma; e os limites da propriedade, nomeadamente da zona do logradouro desta propriedade, são redefinidos. Nos finais do século XVIII o espaço seria ajardinado e escondia uma estrutura hidráulica de grandes dimensões que atravessava a propriedade de Norte para Sul. A primeira fase ocupacional corresponde a vestígios de dois edifícios pré-terramoto que nasciam na actual Rua de Guilherme Braga, antiga Rua da Cruz do Mau, cresciam em altura de pelo menos 3 pisos e foram construídos juntos à encosta natural.

2. O PRÉ-TERRAMOTO

O edifício mais completo tinha três compartimentos (Fig. 1), um deles com uma lareira e chaminé. O terceiro compartimento estava a um nível altimétrico superior e continuava por baixo da parede meeira. A construção deste edifício aproveitou a encosta natural como suporte da sua fachada tardoz, uma vez que a fachada principal do mesmo daria para a Rua de Guilherme Braga. Estas realidades construtivas estavam sob um grande aterro, que resultaria da destruição dos edifícios de época Moderna, aquando do terremoto de 1755 e/ou dos trabalhos de reorganização do espaço e construção da estrutura hidráulica. No Compartimento I foi possível identificar uma lareira (Fig. 2), o seu interior era composto por um caneiro formado por telhas dispostas na vertical (ascendente) no seu canto Sul, associado a uma estrutura estilo fogão que assentava sobre um nível de tijoleira rectangular disposta na horizontal (Fig. 3). Desta forma existiriam duas áreas de utilização na

1. EON - Indústrias Criativas / susana79henriques@gmail.com

lareira, uma onde seria possível colocar um recipiente a uma cota mais elevada e cozinhar a temperaturas mais baixas, e outra zona onde poderia servir para aquecer o espaço e cozinhar na grelha ou mesmo nas brasas. As paredes da lareira encontravam-se rebocadas com sinais de utilização (fogo) e um rasgo no canto SO provavelmente associado com a colocação de uma grelha que também assentava no caneiro (estavam à mesma altura).

No Compartimento I, de menor dimensão, onde se localiza a lareira, foi identificado duas peça cerâmica in situ, localizado no canto NO do compartimento e encostada à lareira. Este compartimento é delimitado a Oeste por um murete de tijoleira dispostos na horizontal e juntos com uma argamassa laranja, de grão médio, medianamente compacta e com cal. A estrutura apresenta um vazio de forma redonda que pode estar relacionado com a inserção de um barroto, provavelmente usado como suporte da estrutura e ligação ao tecto.

O Compartimento II estava delimitado a Oeste pelo murete e a Este por um muro de alvenaria, de construção idêntica ao muro a Norte (afetado pela construção da estrutura de contenção de terras da Rua de Guilherme Braga). Não foi identificado um piso de circulação, podendo-se assumir que ou seria de material perecível ou não existia, pois foi identificado à cota de utilização da lareira as margas verdes bastante compactas. Esta realidade está patente no Compartimento I e II. Quanto ao Compartimento III foi identificado um piso de tijoleira, que se encontra a uma cota superior aos outros dois compartimentos, muito afetado pelo terramoto e pelas construções seguintes. O que se verifica através da leitura estratigráfica é que este piso apresenta sinais de fogo, e imediatamente acima apresenta um solo preto, arenoso, medianamente compacto, com cerâmica de construção, argamassa e estuque.

O segundo edifício encostava a este, fazendo parede meias na zona da lareira e continuando em direcção ao Convento de S. Salvador.

3. O PÓS-TERRAMOTO: ESTRUTURA HIDRÁULICA

A segunda fase de remodelação do espaço insere-se na segunda metade do século XVIII. Reutilizando os materiais dos edifícios pré-existentes construiu-se a fachada principal e a tardoz do edifício em estudo, tendo deixado algumas evidências dos antigos, com

a construção em volta destas estruturas. Soma-se a este empreendimento monumental a construção de uma estrutura hidráulica com orientação N-S, em que é escavado parte do afloramento geológico no seu lado Norte, e na parte Sul é limpo o aterro do terramoto (Fig. 4).

A construção da fachada tardoz terá sido um enorme empreendimento construtivo para a época, não só pela quantidade de matéria-prima a usar, mas também de limpeza das derrocadas destes edifícios que terão ocupado a antiga Rua da Cruz do Mau. A construção foi feita em degraus e apresentou ao longo da parede e em cada um destes degraus elementos para escoamento de águas, de formato rectangular/quadrangular utilizando elementos pétreos ou cerâmica de construção.

A construção do caneiro foi feita com a escavação de uma vala no afloramento geológico (zona Norte – fachada até meio do logradouro), construção do mesmo, enchimento da vala com um solo arenoso, preto de grão médio e fino, heterogéneo, solto com muitos carvões, fauna e cerâmica (Fig. 5 e 6). Seguidamente a estrutura foi coberta por um solo argilo-arenoso, amarelo-esverdeado, homogéneo, medianamente compacto, de grão médio com alguns elementos pétreos de calcário, cerâmica de construção. A vala acompanhava no lado Oeste o muro do saguão pertencente ao Convento do Salvador.

A estrutura superior do caneiro é construída por tijolos de 25 por 14 cm, com 2,5cm de espessura, juntos com uma argamassa laranja e compacta, homogénea, com e.n.p. de média dimensão de grão médio, e em abóbada. As paredes laterais internas apresentam blocos de calcário semi-rectangulares e quadrangulares, enquanto o fundo é composto por pedras calcárias não afeixoadas, com alguns tijolos e lajes quadrangulares/rectangulares de calcário. O caneiro foi identificado à cota real de 37,25 m (topo), tendo o seu fundo a cota de 35,82 m. A altura do interior da estrutura está entre de 1,40 m, a largura exterior é de 1,60m, e a largura interior de 90 cm. A sua largura máxima é de 1,60m.

As paredes laterais exteriores são de face rugosa, com pedras calcárias sub-rectangulares juntas com uma argamassa castanha-clara, medianamente compacta, de grão médio, heterogénea, com cal e cerâmica. A abóboda é construída com uma argamassa laranja e compacta, homogénea, com e.n.p. de média dimensão de grão médio, tendo depois no seu topo e lateral Oeste levado um reboco de imper-

meabilização de uma argamassa cor-de-rosa, compacta, de grão médio, com cal, cerâmica e quartzo. Este reboco é aplicado no lado Oeste até ao muro do saguão do Convento do Salvador, tendo uma espessura de 10cm. Verificou-se que a abóboda arranca sobre três fiadas de tijoleira na horizontal, seguindo depois na posição vertical tijoleiras perpendiculares umas às outras. No lado Este foi identificada uma abertura para escoamento de águas de 12cm por 18cm de altura, provavelmente uma salvaguarda em casos de cheias ou de entupimentos.

O fundo do caneiro é composto pelo assentamento de uma argamassa branca, bastante compacta, com cal, fragmentos de cerâmica, quartzo, seguida com a deposição de tijoleira rectangular (entre duas a três fiadas), argamassa e depois lajes de pedra calcária com mais ou menos 3 cm de espessura. Com o desmonte controlado constatou-se que divido à acentuada pendente foi efectuada uma quebra de água. Apresenta um desnível de 80 cm entre as duas plataformas e foi construída por um bloco calcário único com 15 cm de espessura, 80cm de altura e 90cm de largura. Após a queda de água a estrutura apresenta no seu interior uma altura máxima de 1,52m e no exterior de 1,82m. As paredes laterais têm uma altura de 90cm, antes do início do arranque da abóboda.

A estrutura tem de comprimento 7,50m, com uma inclinação de 30%. Aos 6,68m do seu comprimento apresenta uma queda com 3,65m em profundidade (do topo interno à base interna). A abertura da queda de água tem 82cm de largura por 88cm de comprimento, construída por blocos de calcário quadrangulares aparelhados (parede Sul), idênticos aos que surgem na anterior da queda de água, com tijoleira e juntos com a mesma argamassa já descrita (Fig. 7). Termina numa laje quadrangular de calcário e atravessa a parede do Guilherme Braga, com remodelações recentes em manilhas de grés.

O caneiro continua pelo Largo do Salvador, estando o mesmo já muito afectado por trabalhos de remodelação das infraestruturas localizadas no Largo de São Salvador e Rua de Guilherme de Braga. Uma vez que esta estrutura ao momento de identificação estava coberta por manta geotêxtil, supomos que seja a mesma identificada aquando dos trabalhos de melhoramentos do saneamento e registado pelo acompanhamento arqueológico para a Rua de Guilherme Braga nº 27 no ano de 2015 (<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/> – C. S: 36827).

4. SÉCULO XIX

Nos finais da centúria de 1800 é construído um edifício de cave e primeiro andar, a fachada virada para a Rua das Escolas Gerais apresenta um revestimento azulejar com motivos vegetalistas inseridos numa moldura a azul, com desenho ondulado a branco. Esta cercadura envolve as cantarias dos vãos destacando-os. Os vãos da fachada são de lintel compostos por cantaria calcária, e ao todo estão presentes três. A entrada seria feita pela zona do logradouro (Fig. 8).

5. DISCUSSÃO

A identificação de um edifício pré-terramoto, englobando três compartimentos, vêm trazer nova informação sobre os arruamentos onde se insere. Este edifício encostava ao afloramento geológico, seguindo a encosta natural, estando a sua fachada virada para a Rua de Guilherme Braga (antiga Rua da Cruz do Mau).

Em trabalhos de acompanhamento arqueológico neste arruamento para colocação de infraestruturas de água foram identificadas as seguintes realidades: muro de alvenaria com piso de tijoleira associada que assentam no afloramento geológico, atribuídos a uma ocupação Séc. XVI/XVII, e um caneiro já com remodelações recentes de cronologia do Séc. XVIII (<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/> – C. S: 36827). Podemos supor que as estruturas mais antigas correspondem ao R/C do edifício intervencionado na Rua das Escolas Gerais e estarão ligadas aos Compartimentos I e II. O que não parece descabido, uma vez, que tradicionalmente os fogos dos séculos XVII e XVIII tanto poderiam dispor-se em três compartimentos em fila, ou como nos parece neste caso, com um formato mais largo e curto, estando a cozinha e o quarto lado a lado (no tardo) e comunicando com a sala (CALDAS, PINTO e ROSADO, 2014: 134 e 135). Seria um fogo por piso onde os compartimentos correspondem às funções primordiais na habitação: “estar/socializar, dormir e comer/confecionar a alimentação” (CALDAS, PINTO e ROSADO, 2014: 135). O compartimento I claramente identifica-se com a função de confeção de alimentos pela evidência da lareira. Supondo então que o compartimento II seria o quarto, ambos no tardo do edifício como se verifica nos prédios de rendimento desta época (CALDAS, PINTO e ROSADO, 2014: 135).

Na planta de Tinoco de 1650 é possível verificar uma construção entre o Largo do Salvador e a Rua de Guilherme Braga (antiga Rua da Cruz do Mau), não seguindo a perpendicularidade da rua, será esta a representação do edifício identificado?

O edifício colapsou com o terramoto de 1755, com a excepção da parede tardoz, zona da lareira e restos de muros do primeiro piso. A Rua da Cruz do Mau seria mais estreita na ligação com o Largo do Salvador, mas com a limpeza da derrocada viu-se uma oportunidade de melhorar a circulação, mas também de construir uma estrutura hidráulica de escoamento de águas pluviais e residuais (que era um problema recorrente em alturas de chuvas intensas).

Com o levantamento feito pelas paróquias após o terramoto de 1 de Novembro de 1755 ficamos a saber que na paróquia de S. Salvador existiam 266 fogos e 1500 almas e que após o terramoto passaram a existir 200 fogos e não há registo das almas (PARÓQUIAS DA BAIXA-CHIADO, 2006: 153). E que no Convento de S. Salvador não só faleceram 13 religiosas e 3 seculares (PARÓQUIAS DA BAIXA-CHIADO, 2006: 160), mas a igreja colapsou totalmente, não havendo possibilidade de reparação, sendo necessário a reconstrução desde os seus alicerces (PARÓQUIAS DA BAIXA-CHIADO, 2006: 173).

A estrutura hidráulica (caneiro) identificada faz parte do mesmo momento construtivo que as duas fachadas, onde vai assentar o edifício do século XIX, reutilizando elementos construtivos de estruturas que ruíram com o terramoto, e encostando ao Convento de S. Salvador na tardoz. Esta situação é bem patente na zona de junção do caneiro à fachada da Rua de Guilherme Braga com o reforço do lado Este com um muro. É possível verificar que o método construtivo e a argamassa aplicada são idênticos entre os muros das fachadas e o caneiro, não havendo diferenciação alguma, notando-se o claro seguimento construtivo, pela identificação de dois arcos de descarga imediatamente acima do caneiro na fachada que dá para a Rua das Escolas Gerais, que seriam uma adicional protecção à estrutura.

Com a construção da estrutura hidráulica surgiu uma nova delimitação do espaço, murado a Norte (Rua das Escolas Gerais) e a Sul (Rua de Guilherme Braga), a Este a cartografia desde o século XVII apresenta uma zona edificada (como mencionado acima, foi feito um reforço junto ao edifício pré-existente), enquanto a Oeste esta estrutura vem encostar ao saguão (construção posterior do convento) e ao muro

fundacional (silhares em calcário, bem aparelhados) do Convento do Salvador.

É possível verificar que a nova construção murária engloba as antigas, que provavelmente foram parcialmente desmontadas com a edificação da fachada tardoz. Aproveitaram estas estruturas também para criar prumadas que guiou os pedreiros nesta monumental construção, aplicadas em forma de seta sobre uma base de argamassa cor-de-rosa igual à usada como reboco sobre o caneiro (Fig. 9).

Antes do terramoto de 1 de Novembro existia um ramal, que supostamente não tinha drenagem até ao rio Tejo, o cano do Convento de Santa Mónica, com início no convento, seguia a Rua de São Vicente e seguia pela Rua do Marco Salgado, terminando na Alfungera (este cano fazia a descarga para uma alfungera indeterminada) (BARROS, 2014: 98; BARROS, 2014B: 13). A Rua do Marco Salgado corresponde ao lado Este da Rua das Escolas Gerais, ao que parece o caneiro pré-pombalino seguia a rua em sentido descendente pelo lado Este não cruzando a propriedade do nº 61 da Rua Das Escolas Gerais.

Também existe a referência no século XVI de um cano da rede do Chafariz dos Cavalos, a iniciar “no Bairro dos Escolares, que vai por debaixo das casas do Mosteiro do Salvador, (...)”, este bairro localiza-se entre as Portas do Sol e Santo Estevão de Alfama (BARROS, 2014b: 28). Já para cronologias de XVII há referência a um “Cano da Portaria do Salvador”, que se encontra na portaria deste Convento de São Salvador e vai por baixo deste (BARROS, 2014b: 28). Existe a possibilidade do caneiro identificado na Rua das Escolas Gerais nº 61 pertencer à rede do Chafariz dos Cavalos (De Dentro), o mesmo é uma reconstrução de um pré-existente que desapareceu com a catástrofe de 1755, assumindo que para cronologias do século XVII esta propriedade pertenceria ao Convento, o que não parece descabido, não só pela proximidade, mas também pela planta de Filipe Folque revelar uma área de jardim/horta (Fig. 10).

A construção deste caneiro, independentemente de seguir o traçado do anterior ou não, indica-nos que existia um problema de saneamento na zona e que as medidas iniciadas no século XV com D. João II e depois reforçadas por D. Manuel I já englobavam a encosta oriental da antiga cidade (BARROS, 2014a: 106 e ss). O pelouro da limpeza, em que a Câmara de Lisboa era responsável não existiu entre 1741 e 1836, período em que se enquadra a construção da estrutura hidráulica identificada, contudo existia

o pelouro das obras e o da saúde, que repartiriam as funções e responsabilidades do bom funcionamento do saneamento de Lisboa (BARROS, 2014a: 107). Evidencia a importância do escoamento das águas, podemos supor que o caneiro anterior ficou comprometido e que foi necessário a construção de um novo, que aproveitou a tragédia do terramoto ou para criar algo de raiz (que seguindo para Norte em linha recta continuará por baixo dos edifícios actuais até ao Convento de Santa Mónica); ou que o problema persistente das enxurradas na cidade de Lisboa, levou a um melhor planeamento de forma a combater esta situação naquela zona da encosta oriental. Uma vez, que o Cano da Portaria do Salvador era de interesse público, pois recolhia águas de ruas, teria a sua manutenção e limpeza assegurada pela Câmara, já no interior do convento seria da parte da igreja (BARROS, 2014b: 32 e 85).

Mas é interessante verificar que em época islâmica o Convento do Salvador seria o local do “bosque (!) de Alfugenra”, e que daqui correria uma pequena ribeira NO-SE que acabaria na zona onde se viria a construir o Chafariz de Dentro, onde nesta época se situaria uma zona termal e um núcleo piscatório (AMARO, 2003: 15). Poderemos então levantar uma terceira hipótese, ou seja, que o ramal do Convento de Santa Mónica poderia ter um segundo ramal, uma conduta de segunda ordem como descrita por J. Bugalhão e A. Teixeira (BUGALHÃO E TEIXEIRA, 2015: 107), que terminaria no Convento do Salvador, e que desta forma poderia passar pela zona do logradouro do nº61 da Rua das Escolas Gerais. Salientamos que os ramais principais tinham uma tendência ortogonal N-S/E-O e seguiam os arruamentos principais através da rede urbana existente (TEIXEIRA E BANHA DA SILVA, 2020: 16).

Como verificado na planta de Filipe Folque esta zona passou a ser uma zona ajardinada, parecendo ter várias divisões do espaço, provavelmente com socalcos. A destruição do edifício/s com o terramoto não levou a uma nova construção urbana. Talvez o esforço centrou-se na reconstrução da igreja do Convento de São Salvador que terminou em 1762 (<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos>), na limpeza do arruamento e na consolidação da encosta com a construção do paredão da Rua de Guilherme Braga.

Nos finais do século XIX o crescimento urbano e populacional levou a que houvesse necessidade de contruir um novo edifício, surgindo representado

pela primeira vez na cartografia de 1878 de Francisco e César Goullard (<https://websig.cm-lisboa.pt/>). Num novo plano de alinhamento da Rua das Escolas Gerais, determinado pelo Decreto n.º 10, de 31 de Dezembro de 1864, surge em 1876, o pagamento de uma indemnização, a Paulo Porfírio de Lima, de 100 réis referente à cedência de um terreno para o alargamento da supra referida rua (EON, 2014). Aqui assiste-se à alteração do muro do logradouro, conferindo o aspecto que assume nos dias de hoje.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos de foro arqueológico puseram em evidência três realidades ocupacionais na área intervencionada, distintas entre si, mas apontando para o carácter urbano. A organização espacial era ligeiramente diferente, verificamos que dois edifícios pré-terramoto nasciam na actual Rua de Guilherme Braga, antiga Rua da Cruz do Mau, um dos edifícios encostaria ao Convento do Salvador, cresciam em altura de pelo menos 3 pisos e foram construídos juntos à encosta natural.

Seguidamente optou-se por ajardinar este espaço murado, provavelmente, devido ao facto que por baixo da propriedade passava uma estrutura hidráulica de grandes dimensões. É interessante verificar que a construção de um novo edifício nos finais do século XIX foi feita na extremidade oposta à localização do caneiro. Seria por conhecimento da dita estrutura, ou simplesmente por motivos práticos seria mais fácil contruir anexo ao edifício que já existiu a Este e evitando o saguão do Convento de S. Salvador.

Tal como no século XVIII assistiu-se a uma oportunidade de reordenar as vias, com o alargamento da Rua de Guilherme Braga, o mesmo acontece no século XIX com a Rua das Escolas Gerais, procedendo-se à compra de parte da propriedade do nº 61 das Escolas Gerais, mas também a expropriação em 1884, de parte do convento de São Salvador para a Câmara Municipal de Lisboa, e o restante edificado (Convento e Igreja) passa para a Associação Protectora de Meninas Pobres e Associação protectora de Escolas Asilos para Rapazes Pobres (<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos>).

Assiste-se a um palimpsesto funcional deste espaço, que foi regido pelas transformações necessárias a cada uma das épocas.

BIBLIOGRAFIA

AMARO, Clementino (2003) – Águas de Alfama – dois milénios de fruição. *Pedra & Cal*, nº 18, pp. 14-15.

BARROS, António A. S. D. (2014) – Os canos na drenagem da rede de saneamento da cidade de Lisboa antes do terramoto de 1755. *Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa*, série 2, nº 1, pp. 65-85.

BARROS, António A. S. D. (2014a) – Em defesa do ambiente da cidade: o papel regulador do poder real e do Senado de Lisboa. *Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa*, série 2, nº 2, pp. 103-128.

BARROS, António A. S. D. (2014b) – *O Saneamento na Cidade Pós Medieval. “O Caso de Lisboa”*. Ordem dos Engenheiros – Região Centro.

BUGALHÃO, Jacinta; TEIXEIRA, André (2015) – Os canos da Baixa de Lisboa no século XVI. *Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa*, série 2, nº 4, pp. 89-112.

CALDAS, João V.; PINTO, M^a R.; ROSADO, Ana (2014) – O prédio de rendimento Joanino. *Cadernos do Arquivo Municipal*, série 2, nº 1, pp. 131-156.

EON (2014) – *Rua das Escolas Gerais nº61 – Caracterização Patrimonial conforme o disposto do anexo 2 do aviso nº 6905/2014 de 6 de Junho de 2014*.

PARÓQUIAS DA BAIXA-CHIADO (2006) – *Memórias de uma cidade destruída. Testemunhos das Igrejas da Baixa-Chiado*. Edições Alêtheia.

TEIXEIRA, André; BANHA DA SILVA, Rodrigo (2020) – The water supply and sewage networks in sixteenth Century Lisbon: Drawing the Renaissance City. *The History of Water Management in the Iberian Peninsula*, Birkhäuser, CHAM, pp. 3-24.

PÁGINAS DA INTERNET

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>

<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>

<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos>

<https://websig.cm-lisboa.pt>

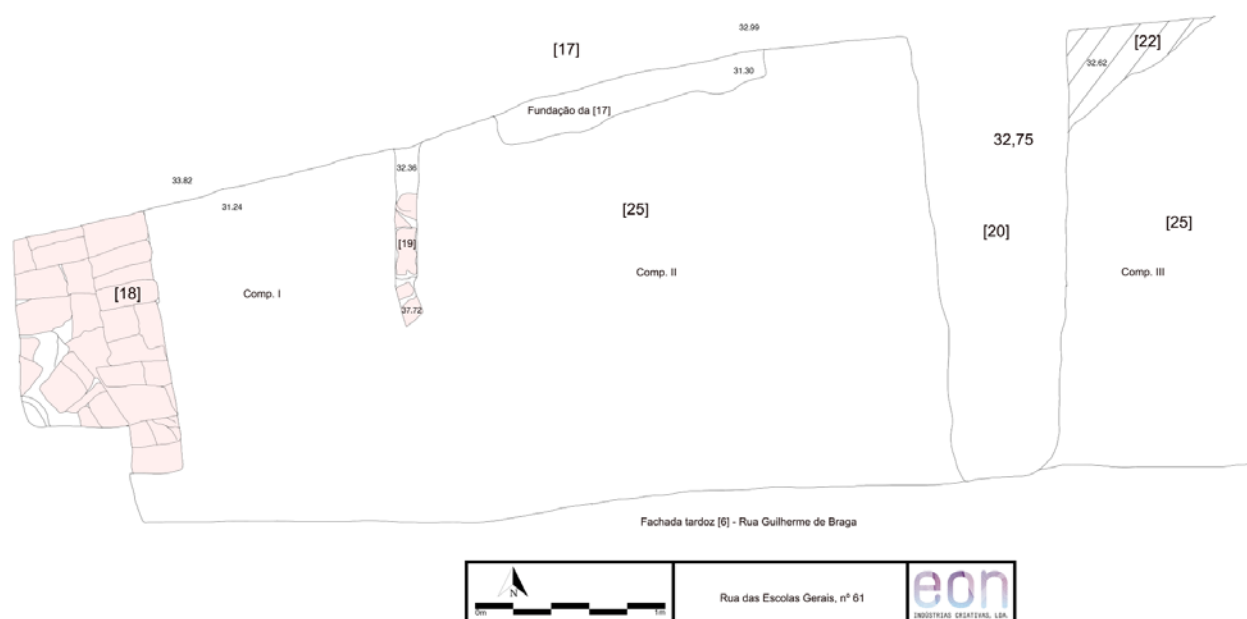


Figura 1 – Planta do Edifício pré-terramoto.



Figura 2 – Lareira e Chaminé.



Figura 3 – Fogão no interior da lareira.

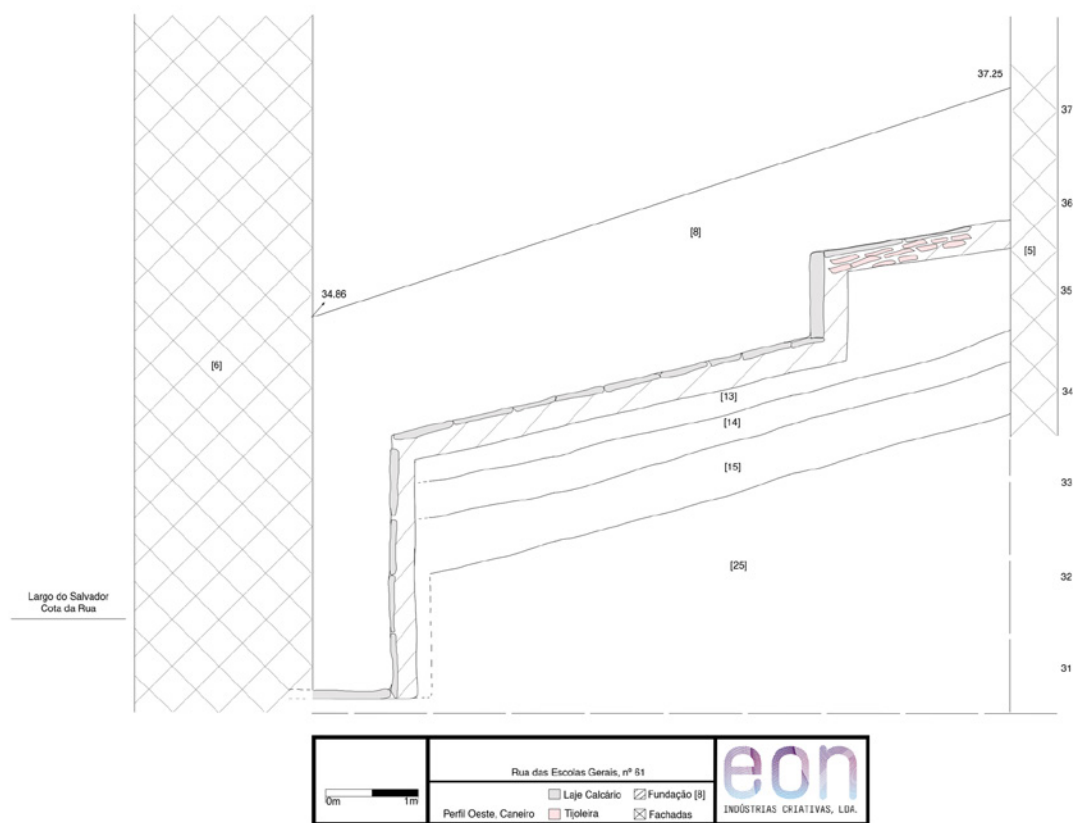


Figura 4 – Perfil Oeste do Caneiro.



Figura 5 – Perfil Oeste do caneiro e ligação à fachada tardoz.



Figura 6 – Vista de topo do caneiro, onde encosta ao Convento de S. Salvador.



Figura 7 – Término com uma queda de 3,60m do caneiro na fachada tardoz.



Figura 8 – Foto de Machado & Souza de 1900 da fachada do nº 61, onde também é visível o muro do logradouro (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa).



Figura 9 – Prumada desenhada sobre reboco aplicado na estrutura pré-terramoto.



Figura 10 – Planta de 1858-1859 de Filipe Folque com a implantação da área de intervenção (a azul) (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**